



Dona Santa na entrada de sua casa

Dona Santa e o desejo de inovar a partir do seu quintal produtivo

Dona Maria Santa da Silva nasceu no município de Russas, na comunidade Lagoa dos Cavalos. Na década de 70, mudou-se com a família para a comunidade Cabeça da Vaca, distrito de Bixopá, Limoeiro do Norte, que fica no Vale do Jaguaribe, por causa da seca, pois no Bixopá tinha uma represa. Acabaram ficando.

Na época, com 13 anos, dona Santa estudava e ficava angustiada vendo que muitas pessoas na comunidade não sabiam ler. Ela passou a ensinar crianças, jovens e adultos.

Sua carteira de trabalho foi assinada como professora do município, antes mesmo de atingir a maioridade. Ao perceber que os mais velhos tinham muita vontade de tirar o título de eleitor pra votar, ela se aproximou dos movimentos comunitários.

Lembrando o passado, dona Santa diz que *“Desde pequena, quando eu trabalhava com a agricultura com os meus pais e avós, eu sentia a necessidade de estar junto nas lutas por melhoria das nossas vidas”*.

“Nunca deixei as atividades no campo. Tive oportunidade de outros empregos, mas sempre gostei de produzir nosso alimento”. Dona Santa

Ainda das lembranças, ela conta que *“aqui tudo era distante. E todas as 24 comunidades com dificuldade de água. Não existia nenhuma associação. E o que começou a aglutinar as pessoas foram as pastorais. Tinha a do idoso, a da criança, as farmacinhas de atendimento de primeiros-socorros nas comunidades. Era a necessidade e o que a gente podia fazer. Então surgiram os movimentos reivindicatórios, nos anos 80, quando organizamos as associações comunitárias. Participei de grupos de jovens, catequeses, clubes de mães e associações. Era luta pra conseguir acesso à terra, água, energia... Imagina aí que só tinha o açude e detectamos que a água não estava própria pra beber! Todo esse envolvimento que trago hoje, vem das participações nessas reuniões. Isso amplia o nosso olhar pra correr atrás dos nossos direitos”*.



Dona Santa cuidando das mudas

Quando as coisas começaram a melhorar

Disse dona Santa: “No final da década de 90, a gente passou a ter mais força. Nesse tempo, a gente pegava água de carroça, nos tanques de pedra, que existem até hoje. Aí teve programas de emergência para construir cisternas, com recursos que vieram até de outros países. Ainda não eram nos modelos que a gente tem hoje, em que a comunidade participa de todo o processo de construção, conhece a forma que é feita a compra dos materiais, aprende a cuidar da água tanto da cisterna de beber quanto da cisterna de produção. Então essas cisternas do Programa Um Milhão de Cisternas - P1mc da ASA, construídas de forma coletiva, organizada, foram uma revolução. Fez com que as famílias ficassem mais próximas, trabalhassem em mutirão... Tinha mutirão pra tudo no mundo!”

E foi a partir dos programas de cisternas que dona Santa passou a exercer mais uma atividade: monitora pedagógica dos cursos de GRH e GAPA. Ela conta: “Como eu já tinha experiência com mobilização, fui professora e participei do curso de GRH, que é o gerenciamento de recursos hídricos da cisterna da primeira água, pra receber a minha primeira cisterna, o caminho foi mais fácil. Fui convidada pela Obas e hoje percorro vários municípios do Ceará. É uma atividade que gosto muito porque nos dá a oportunidade de conhecer outras realidades e trocar conhecimentos. Além da parte técnica, que a gente fala sobre o acompanhamento da construção, dos materiais, da prestação de contas, a gente fala também da importância da organização comunitária, de trabalhar em mutirão, dessa importante conquista como política pública.”



Dona Santa ministrando o curso de GRH - Gerenciamento de Recursos Hídricos

Um quintal cheio de aprendizados

Caminhar pelo quintal produtivo de dona Santa é contemplar instantaneamente os benefícios trazidos pelas tecnologias sociais. Ela nos mostra orgulhosa cada cantinho e diz: Quando eu comecei, aqui era só um hectare. Fui dividindo pra ver como colocar os aviários, ter algumas plantas e espaço pra construir. Com o tempo, pude ampliar a área pra 9 hectares, sendo que eu uso só 2 hectares e o restante é reserva ambiental. A ideia é ter um casal de cada bicho e uma planta de cada espécie. Atualmente tenho bezerro, galinha, pato, peru, pavão... Tenho as frutíferas como caju, limão, laranja, acerola, pitaia, maracujá... E produzo mudas nativas de aroeira, juazeiro, ipê, sabiá, angico, catanduva, pra colocar aqui na propriedade. E ainda preciso adquirir mudas de fora pra fazer o reflorestamento. E pra trabalhar em toda essa área, eu contrato mão-de-obra, dependendo da época. Eu não dou conta sozinha. Sempre tem alguém da comunidade trabalhando comigo. Mas aí tem uma grande diferença: Fui beneficiada por esses projetos sociais. Tenho a cisterna de primeira água pra ter saúde, a cisterna calçadão que me garante produzir mudas, dar de beber aos animais e manter as frutíferas... Seria impossível sem as cisternas”.



Diversidade não falta no quintal de dona Santa

Quem veio primeiro: o ovo ou o Inovo?

Dona Santa sempre foi chegada a um desafio. Um deles mudou a sua relação com a terra. Ela comenta sorridente. *“Eu pensava que pra criar galinha em grande escala era fácil. Depois de algumas tentativas, vi que pra avançar na avicultura, precisaria de cursos, de capacitações. Daí surgiram os cursos do Senar e depois o Pronatec - Avicultura, com duração de seis meses. Foram vinte famílias participantes do distrito, além de Limoeiro, Russas e São João do Jaguaribe. Aí no encerramento do curso, lá na comunidade Croatá de Cima, a gente mobilizou os três municípios. Teve concurso da melhor embalagem, melhor prato... A partir daí, a gente começou a discutir a continuidade já chamando de Inovo, essa grande feira de produtos e saberes. Foram feitas placas de identificação com o nome Inovo, fizemos a logomarca e cada ano a gente faz esse grande encontro. Só não foi possível durante a pandemia”.*



Roda de conversa durante o IV Inovo



Comercialização de produtos da agricultura familiar

Falar do Inovo aumenta o brilho no olhar de dona Santa. Ela conta entusiasmada: *“O Inovo é considerado um espaço político, reflexivo, de ganhos e lutas, de barganha de conquistas no processo da agricultura familiar... É continuidade, é o abraço da luta dos pequenos produtores, das comunidades em defesa da vida e da Agroecologia. Isso passa pela qualidade do que estamos consumindo... O Inovo acontece uma vez por ano, no mês de julho, porque no nosso entendimento, temos que envolver a comunidade. Tem que ter a participação dos estudantes, de quem produz e quem consome. E a partir do Inovo, a gente vem conseguindo muitas melhorias na comunidade. Hoje temos muitas parcerias com as instituições, universidades, secretarias de agricultura, organizações da sociedade civil, governo do Estado... Conquistamos credibilidade. Tanto que vendemos pro PNAE, PAA, na melhoria das feiras... O Inovo com certeza interferiu pra isso”, diz emocionada.*



Embalagem feita de papel de revistas

“Me perguntaram pra quê eu queria criar galinha. Eu disse que queria comer um produto saudável, ter carne e ovos de qualidade e queria ganhar dinheiro. Me disseram que não era com cem galinhas que eu ia conseguir. Era preciso aumentar pelo menos pra mil! A partir dessa conversa, fui aumentando a produção. Hoje eu tô com aproximadamente 800 aves e uma produção de 300 ovos por dia. E a previsão é dobrar daqui a dois meses.” dona Santa

Os caminhos percorridos e os percursos futuros



Agricultores/feirantes comercializando seus produtos no Inovo



Quem promove o Inovo são as famílias da avicultura, dos distritos do Bixopá e do Peixe. É um grupo restrito, que produz também mel, feijão, frutas, verduras, artesanato... O critério é produzir de forma agroecológica. Dona Santa alerta:

“A umidade vem diminuindo, os dias mais quentes. É mais uma dificuldade pra enfrentar: As emergências climáticas! Por isso devemos fazer reflorestamento urgente. Pelo que eu acompanho das notícias, isso não acontece só aqui. É no mundo todo! Tem coisas que dá pra gente fazer, como reduzir as queimadas,

parar de cortar as árvores, cuidar das nascentes dos rios... Quando a gente fala de sustentabilidade, a grande maioria só entende do bolso. Precisamos fazer a diferença ou nosso planeta pode desaparecer. Quando me perguntam porque eu ainda tô trabalhando, respondo que devemos fazer nossa parte e deixar nosso legado. Eu optei pela agroecologia. Proteger e respeitar o meio ambiente com os sinais que ele dá. Demanda tempo, coragem e paciência. Eu não uso agrotóxico. Tanto que nossa área é certificada como orgânica. E me preocupa porque a qualquer hora a gente pode perder a certificação por causa de produtores próximos da gente que usam veneno. É uma luta constante. Mas na insistência, a gente sensibiliza as pessoas e consegue mais adesões para a prática da agroecologia.”

Juventude participativa faz a diferença

Dona Santa sinaliza que sua perspectiva é avançar no campo dos consórcios agroecológicos, com mais famílias aderindo a esse modelo de produção. Ela diz: ***“A juventude tá participando, entendendo, vivenciando, botando a mão na massa... Eu digo pra quem estuda agronomia: vá pro campo! Não adianta só um diploma. É preciso ter o casamento da teoria com a prática. Espero que no futuro próximo a juventude possa entender que quem bota o alimento na mesa somos nós, agricultores familiares. E eu tô animada, porque vejo a juventude daqui curiosa em aprender. Hoje temos um grupo do AJA - Agentes Jovens Ambientais acompanhando nossas atividades e isso tem ecoado positivamente nossas ações. É o esperar no campo”.***



Jovens do AJA na oficina de comunicação popular